

MARIA DE FÁTIMA FERREIRA DE BRITO

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO EDUCADOR
Num paralelo entre Rubem Alves e Paulo Freire

RIO DE JANEIRO
2004

MARIA DE FÁTIMA FERREIRA DE BRITO

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO EDUCADOR
Num paralelo entre Rubem Alves e Paulo Freire

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia do Centro de Ciências Humanas
e Educação da UNI-RIO, como requisito para
obtenção do grau de licenciatura,
orientada pela Profa. Dra.
Ângela Maria Souza Martins.

RIO DE JANEIRO
2004

Para

Rubem Alves,
Educador e incentivador de sonhos.

Paulo Freire,
Por sua amorosidade que o tempo não vai apagar.

Ângela Maria Souza Martins,
Minha mestra, pessoa na qual pude ver a alegria, o amor à prática educativa, o
comprometimento e o respeito aos educandos.

Agradecimentos

Sou grata a Deus por realizar meus sonhos.

Agradeço a minha família por me incentivar e apoiar nesta trajetória acadêmica: Ednaldo e Regina (meus pais); Maria de Lourdes (avó paterna); Edith (avó materna que não chegou a me ver entrar na faculdade, mas acompanhou meu esforço de tentar passar no vestibular); Edna (minha tia paterna, a quem sou grata por tudo o que tenho e sou); Tomázia Cristina (tia materna que amo muito e que me deu uma florzinha de prima chamada Ruth); Jonas (meu irmão mais novo), Leonardo (irmão que se parece muito comigo); Edith Lícia (irmã que considero um tesouro de pessoa); Alexandre (irmão que me deu uma sobrinha muito fofa chamada Débora) e Marcos (irmão mais velho e mais engraçado, responsável pelo meu primeiro sobrinho: Thiago).

Agradeço também a professora Valéria Wilke pela disponibilidade, respeito e carinho.

Finalmente agradeço aos meus amigos por estarem sempre ao meu lado e vibrarem por cada conquista; de maneira especial aos meus afilhadinhos: Marina Isabel; Leandro Marino; Alexandre Marques; Mário Luís e Tatiana David. Ao meu querido amigo Maurício Dias por ter sido o primeiro a me dar à notícia de que eu havia passado no vestibular. E as amigas que fiz na UNI-RIO: Valdinete, Cleide, Sônia e Heloísa.

Estatutos do Homem

*Fica decretado que agora vale a verdade;
Que agora vale a vida e que de mãos dadas
Trabalharemos todos pela vida verdadeira...*

*Fica decretado que todos os dias da semana,
Inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
Têm direito a converter-se em manhã de domingo.
Fica decretado que, a partir deste instante,
Haverá girassóis em todas as janelas,
Que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra;
E que as janelas devem permanecer o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.*

*Fica decretado que o homem não precisará nunca mais
duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento,
Como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.
O homem confiará no homem como um menino confia em outro menino.*

*Fica decretado que os homens estão livres do julgo da mentira.
Nunca mais será preciso usar
A couraça do silêncio nem a armadura das palavras.
O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo
Porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa.*

*Fica estabelecida, durante dez séculos,
A prática sonhada pelo profeta Isaías,
E o lobo e o cordeiro pastarão juntos
E a comida de ambos terá o mesmo gosto de aurora.*

*Por decreto irrevogável fica estabelecido
O reinado permanente da justiça e da claridão,
E a alegria será uma bandeira generosa
Para sempre desfraldada na alma do povo.*

*Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre
Não poder dar amor a quem se ama sabendo que é a água
Que dá à planta o milagre da flor.*

*Fica permitido que o pão de cada dia
Tenha no homem o sinal de seu suor.
Mas que sobretudo tenha sempre
O quente sabor da ternura.*

*Fica permitido a qualquer pessoa,
A qualquer hora da vida, o uso do traje branco.*

*Fica decretado, por definição,
Que o homem é um animal que ama
E por isso é belo, muito mais belo que a estrela da manhã.*

*Decreta-se que nada será obrigado nem proibido.
Tudo será permitido, sobretudo brincar com rinocerontes
E caminhar pelas tardes com uma imensa begônia na lapela.*

*Só uma coisa fica proibida:
Amar sem amor.
(Thiago de Mello)*

Resumo

BRITO, Maria de Fátima Ferreira de. A construção da imagem do educador num paralelo entre Rubem Alves e Paulo Freire. 2004. 53f. Monografia (Graduação em Licenciatura de Pedagogia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

O presente estudo procurou realizar um trabalho de pesquisa bibliográfica sobre dos educadores Rubem Alves e Paulo Freire no sentido de como eles constroem a imagem do educador; quais as características que esse educador possui, como essas características influenciam no processo ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, como se dá essa relação professor-aluno. Sabemos que o professor exerce uma enorme influência na formação do educando; portanto faz-se necessário destacar que qualidades seriam importantes para que as escolas formem cidadãos, sujeitos críticos: conscientes não só de seus deveres mas também de seus direitos e que sejam capazes de intervir no mundo. Esses dois autores possuem idéias que se interligam pois ambos enfocam a temática da alegria, amor, colaboração, compromisso, coragem, diálogo, esperança, humildade, respeito, sonho, tolerância, entre outras.

Palavras-chave: Paulo Freire, qualidades indispensáveis, Rubem Alves.

objetivo

- a) como é construída a imagem do educador
- b) quais as características dele
- c) como elas influenciam no ensino-aprendizagem
- d) " e a relação professor-aluno.

SUMÁRIO:

Introdução.....p.1

CAPÍTULO 1 – O educador segundo Rubem Alves.....p.4

CAPÍTULO 2 – O educador segundo Paulo Freire.....p.20

Considerações finais..... p.36

BIBLIOGRAFIA.....p.42

INTRODUÇÃO:

Este estudo tem por objetivo discorrer sobre como a imagem do educador é construída nos textos de Rubem Alves e Paulo Freire e quais qualidades seriam indispensáveis a esse educador para a construção dessa imagem.

Lendo Rubem Alves, não pude deixar de observar o quanto seus pensamentos assemelham-se com os pensamentos de Paulo Freire. Ambos enfocam as questões: amorosidade, diálogo na sala de aula, a alegria do processo educativo, esperança; fazem a distinção entre pedagogia burguesa e proletária e até foram criticados por serem pessoas que podem levar ao espontaneísmo.

Pensando no processo educativo e na grande importância que a pessoa do educador possui para o aluno, decidi analisar qual deveria ser o perfil exemplar do profissional da educação. Para isso, escolhi dois autores que marcaram o começo de minha vida acadêmica: Rubem Alves e Paulo Freire.

Estudei esses dois autores na disciplina ministrada pela professora Ângela Maria Souza Martins: Pensamento Educacional Brasileiro, no terceiro período e, logo percebi que a prática educativa, para eles, era um grande ato de amor. Encantei-me, e decidi tê-los como modelos dessa imagem do profissional da educação que pretendo construir, pois acredito que cada gesto do educador reflete na construção do educando enquanto aluno e indivíduo.

Esta influência direta que o professor possui na vida escolar e na construção de sujeitos, nos remete a necessidade de traçarmos o perfil de um educador que queira bem aos educandos, tenha prazer em ensinar, use o

diálogo em sala de aula, saiba escutar, tenha alegria, seja comprometido e, assim, reconheça que a educação é uma das formas de intervir no mundo.

Sabemos que o processo educativo é formador de sujeitos e, se o nosso objetivo é formar sujeitos críticos, com consciência política, conhecedores de seus direitos e deveres, também devemos traçar como seria essa pessoa formadora de sujeitos; utilizando para isso os textos de Rubem Alves – os quais falam dos problemas educacionais com uma linguagem tão doce que fica impossível não tomar consciência dos fatos – e de Paulo Freire – o qual elaborou um dos melhores processos de aprendizagem com a prática aliada à teoria e consciência política.

Rubem Alves é contra os reprodutivistas – os quais acham que a escola é um aparelho reprodutor da sociedade. ^{Fala} também que o educador está deixando de existir pois está sendo domesticado através da reprodução, do aparelho ideológico do Estado; para isso ele baseia-se nas idéias de Marx: amor, esperança e utopia. Estas idéias também aparecem no discurso de Paulo Freire – o qual destaca que o educador deve ser humilde e ter coragem de lutar, de amar e educar sem medo; ter a segurança insegura; a certeza incerta; a amorosidade aos alunos e ao processo educativo.

E o que falar da esperança? Para Paulo Freire, ensinar exige, entre outras coisas, alegria e esperança. A esperança de que o professor e aluno juntos possam aprender, ensinar, inquietar-se, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a esta alegria.

Existem muitos professores neste país mas há os que apenas tem a docência como uma profissão com exigências diferentes e outros, que

possuem a docência como uma vocação – é este último quem será modelo dos saberes necessários à prática educativa.

Após traçar as qualidades que seriam indispensáveis ao educador segundo Rubem Alves e segundo Paulo Freire, analisarei cada uma delas refletindo sobre como elas interferem no processo educativo e, conseqüentemente, na formação do educando.

Você apresentou seu tema. Contudo, ficou faltando apresentar seu trabalho para o leitor. Apresente seu trabalho.

Assim:

a) qual é a ^{metodologia} ~~metodo~~ que você está empregando para analisar as imagens de educador presentes nos discursos pedagógicos de Paulo Freire e de

Res Alves? Por exemplo: Análise de Conteúdo? Análise do Discurso?

b) Se você vai trabalhar com "imagem" do professor, o que você está entendendo por imagem?

Imagem é um conceito muito amplo e utilizado em várias áreas. O que você está chamando de "imagens"?

c) o que o leitor encontrará em cada capítulo?

CAPÍTULO 1

O EDUCADOR SEGUNDO RUBEM ALVES

Rubem Alves é um educador nato, pois até nas epígrafes dos seus livros encontramos o relevante papel que exerce o professor enquanto profissional da educação e como formador de indivíduos. O autor nos mostra que, quando ensinamos alguém a ler/ver o mundo através de nossa mediação, é como se um pedaço de nós continuasse vivendo naquela pessoa, portanto ser um educador, além de ser um exercício de imortalidade, é marcar a trajetória estudantil, e por isso devemos ter consciência dessa importante tarefa ao invés de apenas nos lamentarmos sobre a situação que se encontra a educação brasileira. Afinal, para que lamentar, se ensinar é um ato de alegria?!

Rubem Alves afirma que ser professor é como ser uma mãe que dá a luz ao filho, mesmo com todas as dores do parto o mais importante é o nascimento do bebê. Assim deve acontecer na educação: A alegria de ser professor, de ver o aluno (criança, jovem ou adulto) aprender a se expressar, a dar passos em direção ao saber, a “balbuciar” seus próprios métodos de resolução das questões deve ser maior que a dor de não ter condições favoráveis para se trabalhar, enfim, a alegria deve ser maior que a falta de verbas para a educação, maior que a falta de recursos materiais, maior que as péssimas salas de aula que existem por esse país.

O autor reafirma que ser mestre é ensinar a felicidade, é ser pastor da alegria, ^P Para isso cita o prólogo de Zaratustra ^{3 referência a obra de Nietzsche.} no qual existe uma meditação sobre a felicidade – a qual diz que não é possível ser feliz solitariamente; é preciso transbordar o que se tem para oferecer, assim o faz o seio materno cheio de leite, assim o faz as abelhas com o seu mel e assim deve fazer o

Assim falou Zaratustra - um livro para todos e para ninguém

professor: transbordar o saber que existe em si, compartilhar mundos, oferecer aos seus alunos novas pontes para serem atravessadas, novos horizontes. Cada disciplina é comparada a uma taça de várias formas e cores que precisa ser transbordada e oferecida aos alunos. É preciso que tenhamos alegria ao ensinar as diversas disciplinas para que os alunos tenham essa mesma alegria e prazer ao aprender. Rubem Alves (2002 a, p.18) define a alegria como :

"... a alegria é uma condição interior, uma experiência de riqueza e de liberdade de pensamentos e sentimentos."

E, cada aluno clama pelo professor para que este o ajude a ser feliz, que desperte nele o potencial que está adormecido em cada estudante:

"Só desperta, só acorda, só vem a se realizar aquilo que a Palavra chamar."
(ALVES, 2002 c, p.54)

"A princípio, toda palavra é uma invocação." (ALVES, 2002 c, p.85)

E, isso é feito através de palavras pois "os nossos corpos são feitos de palavras" (ALVES, 2002 a, p.54, grifo nosso). Rubem Alves chama de educação esse processo pelo qual despertamos aquilo que estava adormecido. Mas, ao mesmo tempo em que podemos despertar sonhos, também podemos acordar pessoas sem identidade, réplicas do sistema, pessoas infelizes:

Não é de se admirar, portanto, que as pessoas passem as suas vidas com a estranha sensação de que não era bem aquilo que desejavam. Elas foram transformadas em alguma coisa diferente dos seus sonhos, e essa traição condenou-os à infelicidade. (ALVES, 2002 a, p.57)

Rubem Alves (2002 a, p.78) afirma que o sentimento da felicidade e a ação de amar, ambos são sinônimos de brincar. Falar, para ele, é brincar com as palavras, com coisas ausentes – fazendo-as reviver:

"Pensar é voar sobre o que não se sabe."

Não está claro o porquê desta citação, pois ela se refere ao ato de pensar e não ao ato de falar.

Portanto, não devemos ficar dando respostas prontas para os nossos alunos; devemos sim, ensiná-los a perguntar pois, do contrário, estamos nos poupando de pensar e de fazer com que os alunos pensem. Devemos envolver os nossos alunos a tal ponto que eles se sintam motivados a buscar o conhecimento:

"... só vai para a memória aquilo que é objeto do desejo. A tarefa primordial do professor: seduzir o aluno para que ele deseje e, desejando, aprenda." (ALVES, 2002 a, p.81)

O autor alega que as escolas e os professores estão se comportando como as brincadeiras infantis nas quais todos os absurdos são permitidos. As crianças simplesmente repetem, reproduzem e são estimuladas, muitas vezes a terem esse comportamento: não pensar em algo diferente do que foi ensinado e, assim, repetindo apenas o que a tradição sedimentou, nos é poupado ^o ^o a aventura de pensar:

"O saber já testado tem uma função econômica: a de poupar trabalho, a de evitar erros, a de tornar desnecessário o pensamento. Assim, aprende-se para não precisar pensar." (ALVES, 2002 a, p.29)

O autor faz uma analogia com a brincadeira Boca- de- Forno – onde o mestre manda e os discípulos obedecem sem retrucar, pois senão serão punidos. Rubem Alves chama atenção para o fato ^{de a} da educação estar criando

“antas”¹. Isso mostra que estamos ensinando nossos alunos a serem escravos do sistema, reprodutores do aparelho ideológico; quando, na verdade, deveríamos buscar formar cidadãos utópicos, não no sentido de sonhar e apenas continuar sonhando e, sim sonhar e buscar realizar, chegar a terra prometida, chegar ao não-lugar da utopia: a realização dos sonhos. Tudo nos reforça a idéia de que: as palavras do educador possuem um enorme poder e que não devemos perder a essência do nosso ser; não devemos ser formatados pelo sistema e nem pela educação; não devemos parar de sonhar nem fazer com que nossas crianças deixem de realizar esse ato tão sublime – pois a sociedade quer que tudo seja transformado em lucro, por isso devemos formar pessoas socialmente úteis, igualmente formatadas, transformadas em profissionais, ferramentas e, o sonho é inútil para a sociedade:

Serão profissionais. E o que é um profissional se não um corpo que sonhava e que foi transformado em ferramenta? As ferramentas são úteis. Necessárias. Mas - que pena - não sabem sonhar... (ALVES, 2002 a, p.43)

Não devemos formar nossos alunos como fábricas de linhas de montagem que produzem produtos iguais e utilitários, devemos deixar que nossos alunos expressem suas individualidades. Devemos ser mediadores e não impositores!!! Enquanto educadores devemos ter o cuidado de não fazermos as crianças passarem por um processo de “pinoquização”², ou seja, simplesmente tornarem-se como que bonecos e apenas repetir a fala da professora, o jeito de resolver problemas da professora, etc, esquecendo-se

¹ Rubem Alves usa a palavra anta para representar os discípulos que não desviam o caminho do mestre.

² O termo pinoquização cultural usado por Rubem Alves serve para designar a estória do menino de carne e osso e alma de gente ao qual a escola transforma num adulto de madeira, rígido e triste como Pinóquio.

que eles são seres dotados de inteligência, que possuem fala própria e jeito próprio para resolver algumas questões.

Rubem Alves nos propõe que voltemos à infância e reafirma que os nossos corpos são feitos de palavras e que a palavra do professor possui uma enorme importância, possui poder. Podemos fazer com que nossos alunos sejam borboletas e não lagartas; príncipes e não sapos; criadores de mundos ao invés de nos fazer esquecer os nossos sonhos e até o que realmente somos. Por isso o autor nos propõe fazer um caminho contrário: os mestres precisam tornar-se aprendizes, os adultos precisam aprender com as crianças,

é preciso ver o mundo com outros olhos, um novo olhar: de sonho, com o coração, olhar de esquecimento:

Esquecer o quê e como? Deixa de lado, um pouco, as construções metafóricas e o discurso poético e entre na questão do esquecimento. Nietzsche (e como ele Rubem Alves!) chama atenção para a importância da atitude do esquecimento enquanto auto-superação. Isto não

"É preciso esquecer o aprendido que nos fez adultos para ver o mundo com novos olhos." (ALVES, 2002 a, p.64)

Rubem Alves destaca o que Nietzsche considera como a tarefa mais importante da educação: o ensinar a ver. Ver as coisas que existem, ver o mundo, com olhar de contemplação, assombro – o que provoca o riso e também a felicidade. Ver, aqui, é mais do que simplesmente olhar e enxergar. É ver o mundo e interpretá-lo; é lê-lo nas entrelinhas, enxergar o invisível! Isso me faz lembrar a poesia de Lygia de Castro Santiago – a qual fala de sonho que se torna realidade, fantasia que pode ser concretizada, da leitura de mundo nas entrelinhas e não apenas pelo que nos é apresentado, e como somos seres únicos e portanto não devemos ser formatados para perdermos nossas essências, enfim, fala de olhar o mundo com olhos inocentes:

fica claro no seu texto. Você positivo o esquecimento num todo e daí aparece a dúvida: se eu esqueço o aprendido, o que resta, ensinar? Daí a necessidade de você explicar a questão do esquecimento.

Ⓛ É necessário especificar a questão do tornar-se criança, pois para aquele que desconhece Nietzsche e R. Alves, pode parecer que isto significa esquecer conteúdos, e não é isto! Este tornar-se criança é atitude de desvergonhar-se daquilo que se cristalizou e estratificou. Eu sei o que você quer dizer. Mas num todo's os textos isto vem de Nietzsche e a importância dele para R. Alves. Cabe a você explicar isto.

fátima: após a sequência de metáforas é necessário vou parar, ^{explícitas} e explicar a ironia do professor presente nela. Por exemplo:

Sonhar nos torna humanos = pensar = sonhar, assim: prosar nos torna humanos.

sonhar = transformar o ausente no presente = pensar (= conhecer) = brincar = amor, assim: o professor que ama seu ofício transborda o seu conhecimento, daí ele partilhar, daí ele fazer flutuar com seus pensamentos.

"As crianças têm, naturalmente, um interesse enorme pelo mundo. Os olhinhos delas ficam deslumbrados com tudo o que vêem. Devoram tudo." (ALVES, 2002 c, p.82)

...olhos de esquecimento, olhos do coração: *Com olhos de menino.*

*Com olhos de menino
Que vêem além do que se vê.
Que vêem a vida como um sonho
Onde tudo pode ser.
Porque tudo pode realmente ser
Ou faz de conta que é.
Olhos que nunca vêem simplesmente,
Mas simplesmente sentem o que vêem
Porque sempre que olham
É com olhos de bem querer.
Olhos que nunca crescem.
Cresce o corpo, eles permanecem
Pequeninos, moleques, meninos
Guardando tudo o que viram,
Tudo o que vêem
Com olhos de nunca esquecer.*

Fonte?

O autor destaca também que o professor deve prestar atenção na sua própria maneira de olhar não só as coisas do mundo, mas como dirige seu olhar aos seus alunos:

Professor: trate de prestar atenção no seu olhar. Ele é mais importante que seus planos de aula. O olhar tem o poder para despertar e para intimidar a inteligência. O olhar é um poder bruxo. (ALVES, 2002 c, p.37)

O autor alega que o fato de sonharmos é o que nos torna diferentes dos outros animais; sonhar nos torna humanos e, pensar é sonhar; sonhar é transformar coisas ausentes em coisas presentes, é brincar e brincar é amar. Portanto, o professor é aquele que ama seu ofício, seus alunos:

"Pensar é voar. Voar com o pensamento é sonhar. O pensamento é o trabalho que faz viver em nós aquilo que não existe... é o poder de sonhar que nos torna humanos." (ALVES, 2002 a, p.67)

beja o verso da pão. B.

* Na perspectiva nietzschiana eu consigo perfeitamente entender. Contido, para um leitor não conhecedor de Nietzsche (ou do texto de Heidegger sobre o ensinar) esta frase soa paradoxal, por um lado; por outro, ela é um equívoco conuete ao discurso do 'ensinar sem base' = sem conteúdo, pois é afirmado que é "preciso ensinar o que não se sabe". O texto, mesmo que poético, precisa ir além do seu poctar para distazer paradoxos (q^{do} possível) ou ~~tr~~ pelo menos, explicá-los. Com isto, evita-se compreensões equivocadas.

O professor ama tanto seu ofício que precisa transbordar seu conhecimento, partilhar, dividir com seus alunos não só a alegria e o prazer das disciplinas mas fazê-los flutuar com seus sonhos. É preciso que façamos os alunos alçarem vôos sobre o desconhecido, pois pensar é isso. Não devemos fazer como acontece na maioria das escolas: dar respostas prontas e poupar o pensamento e, sim, ensinar as perguntas – para isso é necessário despertar no educando o interesse pelo pensar, é preciso ser seduzido pelo conhecimento, é preciso que os alunos queiram saber o que aprendem de cor – no sentido literal da palavra: saber porque gravou no coração e não porque está reproduzindo algo pronto, que não faz sentido algum.

As escolas ensinam a marchar com passos firmes e não ir a busca de caminhos desconhecidos mas, *"todo conhecimento começa com o sonho"* (ALVES, 2002 a, p.87, grifo nosso). É preciso pensar e portanto sonhar, lançar-se sobre o vazio ao invés de caminhar sempre em terra firme, sem arriscar a sair da marcha. É preciso ensinar o que não se sabe e não apenas reproduzir o que está construído sobre sólidos fundamentos, tudo o que o mestre mandar.

É preciso prestar atenção nos sonhos dos alunos e sonhar junto com eles, prestar atenção em sua distração pois esta nos revela outros mundos e assim nos tornaríamos companheiros de sonho:

"Se os professores entrassem nos mundos que existem na distração dos seus alunos eles ensinariam melhor. Tomar-se-iam companheiros de sonho e invenção." (ALVES, 2002 a, p.64)

veja o verso

Handwritten notes at the bottom of the page, including the word "preciso" and other illegible scribbles.

Para isso é preciso amar pois sem amor o sonho continua adormecido e, assim, impossível de ser realizado:

qual é a ligação da educação como "épistemo arites"?

Pensamento sem destino. Ir ao sabor. Pensar pela alegria de pensar. Eu acho que o objetivo da educação é ensinar as crianças e os jovens que pensar não é sofrimento; é coisa alegre. (ALVES, 2001 a, p.32)

E também é preciso amor para despertar o pensamento, pois é ele quem norteia todas as direções e decisões a serem tomadas; é o que dá sentido, gosto e beleza à vida:

Platão já afirmou para isto Ver Banquete, especialmente o discurso de Sócrates.

"O amor é o pai da inteligência. Mas sem amor todo o conhecimento permanece adormecido, inerte, impotente." (ALVES, 2002 a, p.93)

"Sem o amor tudo nos seria indiferente." (ALVES, 2002 c, p.113)

(= pensamentos = conhecimentos)

Os professores devem ser iguais aos jardineiros: ser plantadores de sonhos mesmo que a escola só queira propagar saberes científicos. Os professores devem semear esperança em seus discípulos e não simplesmente a comunicação de saberes. Os sonhos são relevantes uma vez que as pinturas; as músicas; as casas; todas as coisas; enfim o mundo primeiro existiu em sonho para depois se tornar real.

No seu trabalho esta é uma ideia nova. O que ela quer dizer? Se já está estabelecido

Rubem Alves (2001 b, p.9) declara com firmeza que:

que "sonhar" = pensar = conhecer, não está claro o que vem a ser "semeiar" esperança. Volti não explicou esta nova ideia.

"Os educadores deveriam ter isso como moto: mais importante que saber é saber onde encontrar."

Partindo deste princípio, o autor nos mostra que existem dois tipos de idéias. As idéias utilitárias e as idéias que partem do sujeito. As idéias utilitárias são universais; são idéias de todos; são as idéias científicas. As idéias que partem

apesar de você não ter explicado.

Fátima: é bastante discutível a compreensão de R. Alves.

Vejam os.

a) Os saberes científicos ~~possuem~~ ^{operam} a partir das ideias científicas e estas não operam com o corpo e com a alma, pois somente operam cl a cabeça.

Já as ideias que partem do sujeito operam cl a cabeça, cl o corpo e cl a alma: estas estão na dimensão dos sonhos e das esperanças;

b) Se os sonhos não correspondem a nada que exista, então como eles estão na base da música, das casas, dos pinturas? (afirmação que está na página 11)

c) Como aquilo que não corresponde a nada que existe pode formar um povo? É como os sonhos (= pensamentos) não se fazem presentes nos argumentos ou na razão porque "moram apenas nos sonhos e na poesia"?



① Creio que parte de seu trabalho deveria consistir na tentativa de mostrar que esta caminhada argumentativa de R. Alves não é paradoxal ou inconsistente[⊕], na medida em que vou parecer estar defendendo a pedagogia dele.

⊕ (caso não seja)

veja o verso da página 11

a) do sujeito - as quais mexem não só com a cabeça, mas com todo o corpo e com a alma - são os sonhos e esperanças:

"Os sonhos são a imagem visível das esperanças. Eles não correspondem a nada que exista. Não têm, portanto, existência no mundo da ciência." (ALVES, 2001 b, p. 10)

Rubem Alves (2001 b, p. 17) assevera que os sonhos são importantes:

"São os sonhos que fazem um povo. Mas sonhos não moram em argumentos ou razão. Sonhos moram nas imagens e na poesia."

Para que o povo desperte para a educação é preciso que, antes, ele seja seduzido, pois o pensamento nasce no desejo e pensar nada mais é do que brincar com as palavras assim como se brinca com brinquedos:

MUITO VAGO!

"(...) pois é isto que é pensar: brincar com as palavras, como se brinca com peteca, bolinhas de gude, quebra-cabeças ..." (ALVES, 2000, p. 11)

É necessário explicar o que é pensar tal como se brinca com bolas de gude.

Assim, o povo terá fome de educação; terá fome do saber e, uma vez seduzido, ele será estimulado a buscar esse saber. O autor assegura que esta vontade de buscar saber mais, de se educar, de amar ou sonhar não é dada

É necessário ir além do que cantamos em todas as palavras. Mas tem prazêr o tom do poeta.

pela ciência:

POR QUE?

É desde quando é preciso amar para se conhecer? Rubem Alves lhe dá as pistas para responder a estas questões. É cabe a você, num trabalho monográfico, explicar isto para o leitor.

"A ciência, coitadinha, tão certinha, tão cheia de pesquisas e de verdades, sabe como levar o homem à lua, mas não sabe como fazer o homem amar." (ALVES, 2001 b, p. 22)

O primeiro

É preciso fazer com que as pessoas amem, sonhem, se encontrem e, por isso, lutem "para a construção do Paraíso" (ALVES, 2001 b, p. 22, grifo nosso): um país melhor, com uma melhor condição de vida para todos, com saúde,

POR QUE?

o livro dele (creio eu) em que apareceu a discussão de ciência, de pensamento e Filosofia da Ciência (Ed. Loyola). Acho que com este livro você vai começar a entender desde onde (i.e.) o "horizonte intelectual de R. Alves" ele está refletindo.

moradia, mais escolas, educação de qualidade e pessoas conscientes não só dos seus deveres, mas, principalmente, de seus direitos. Afinal:

"O essencial, na vida de um país, é a educação." (ALVES, 2001 b, p.23)

"Não acredito que exista coisa mais importante para a vida dos indivíduos e do país que a educação. A democracia só é possível se o povo for educado." (ALVES, 2002 c, p.77)

O autor afirma que a importância da educação é tamanha que ela está na base de todas as coisas:

MUITO VAGO!

"No princípio é a educação. Pois a educação, em essência, é precisamente isso: o exercício do Verbo" (ALVES, 2001 b, p.24)

o que é Verbo para R. Alves? Verbo como 'V' maiúsculo é compreendido; na tradição cristã, como o Cristo. Ele está entendendo o exercício do

O autor afirma também que um país se faz com o pensamento de seu povo:

Verbo como 'exercício do Cristo'?
O que ele quer dizer com isto? É necessário que você explore as imagens e

(...) o objetivo das escolas e universidades é contribuir para o bem-estar do povo. Por isso, sua tarefa mais importante é desenvolver, nos cidadãos, a capacidade de pensar. Porque é com o pensamento que se faz um povo. (ALVES, 2002 c, p.107)
ai metaforas cons- truídas!

...e que a ciência não pode criar um povo, pois ela não tem o poder de fazer sonhar, apesar de ser um meio indispensável para que os sonhos sejam realizados.

???

Rubem Alves faz uma analogia entre o professor e um chef de cozinha.

As palavras do professor – enquanto cozinheiro – seriam a comida que oferece aos seus alunos e essa comida – as palavras – deve trazer "prazer ao corpo e alegria à alma" (ALVES, 2001 b, p.38, grifo nosso). Vemos que, a educação, de um modo geral, deve ser pautada na alegria, deve ter humor pois "rindo, devemos dizer as coisas sérias" (ALVES, 2001 b, p.42, grifo nosso).

?? => Por que? O que ele quer dizer com isto? Se você está trabalhando a imagem do professor (e do pensamento e do conteúdo) é necessário que você explique este aspecto presente nesta imagem.

Outros autores como Agostinho de Hipona e Nietzsche se deram conta de que pensar é parecido com o ato de comer. Para Nietzsche “a mente é um estômago” (ALVES, 2001 b, p.87, grifo nosso), sendo assim, “quem entende como funciona o estômago, entende como funciona a cabeça” (ALVES, 2001 b, p.87, grifo nosso). O estômago processa alimentos enquanto a mente processa informações; os alimentos são processados para serem assimilados, já as informações são processadas para serem compreendidas.

Rubem Alves declara que as aulas devem ser capazes de seduzir aos alunos. Geralmente culpamos os alunos: não prestam atenção, possuem problemas cognitivos, possuem desvios de comportamento e não nos damos conta que podemos ser a causa dessa não sedução, do não envolvimento do aluno com o conteúdo programático.

O autor declara que as escolas procuram ensinar o que é científico – aquilo que é relativo à ciência e pode ser comprovado através de gráficos e experiências; tudo o mais é irreal e ^{por isso,} desconsiderado. Nós, como bons educadores, devemos ensinar o que é científico – desenvolver a inteligência instrumental e, sobretudo, educar nossos alunos para a vida, aprender com suas experiências pessoais, formar cidadãos conscientes; desenvolver neles a sapiência – também chamada de inteligência amorosa.

Rubem Alves (2001 c, 2002 c, 2002 c) chama atenção para a necessidade de se distinguir inteligência de sabedoria. A inteligência é a capacidade de conhecer, manipular o mundo e nos dá os meios para viver. Já a sabedoria, tem a ver com a felicidade, com a graça de saborear o mundo, é capaz de nos dar razões para viver:

"Sapiência quer dizer conhecimento que tem sabor (...) Saber é sentir sabor."

Fontes?

"Etimologicamente a palavra sábio quer dizer 'eu degusto'".

"Sabedoria, disse Roland Barthes, é nada de poder, uma pitada de saber e o máximo possível de sabor..."

Infelizmente, as escolas preferem que seus alunos desenvolvam a inteligência e não a sabedoria:

As escolas se dedicam a desenvolver e avaliar a inteligência. Para isso desenvolveram testes. Os testes avaliam a inteligência dos alunos por meio de números. Mas elas nada sabem sobre a sabedoria, e nem elaboram testes para avaliá-la. (ALVES, 2001 a, p.53)

É preciso que sejamos coerentes e ensinemos coisas que sejam úteis aos nossos alunos, assuntos de suas vivências, coisas de seus cotidianos, assuntos de seus desejos, para que a matéria tenha sentido e seja absorvida por ele, pois senão serão apenas repetidas, memorizadas. Nossas mentes não

~~interessante~~
Esta ideia é interessante e certamente tem validade. Contudo, há a contrapartida que, com frequência

carregam aquilo que não faz sentido para nós:

cia é esquecida. É lindo, belo e maravilhoso tratar da educação assim quando a utilidade, a vivência, o cotidiano, ao desejo, mas corremos o sério risco de ficarmos presos à utilidade, ao senso comum, ao que se faz a cidade: da moda indica como o desejável, corremos o risco de não alargar o horizonte tendo em vista uma pequena compreensão do que pode ser significante.

"Aquilo sobre o que se fala tem de estar ligado à vida. O conhecimento que não faz sentido é prontamente esquecido." (ALVES, 2001 a, p.102)

"Esquecimento é uma recusa inteligente da inteligência." (ALVES, 2002 c, p.198)

"Aquilo que o coração ama não é jamais esquecido". (ALVES, 2002 c, p.32)

Rubem Alves diz que existem dois tipos de escolas: as gaiolas e as que dão asas. As escolas que são gaiolas prendem os alunos como se fossem passarinhos, lhe tolhem o voo, fazem com que eles deixem de ser pássaros. As

Nunca por causa de vista esta contrapartida.

→ Será que não? Com você nunca aconteceu de não entender algo num dado momento e, posteriormente, passar a entender? Estou aqui agindo como "advogado do diabo" para fazer com que você se detenha diante do modo tão categórico de fazer certas afirmações.

escolas que dão asas, encorajam o vôo de seus alunos, nelas são ensinadas ferramentas e brinquedos, os quais segundo Nietzsche são:

Ferramentas são conhecimentos que nos permitem resolver os problemas vitais do dia-a-dia. Brinquedos são todas aquelas coisas que, não tendo nenhuma utilidade como ferramentas, dão prazer e alegria à alma. (ALVES, 2002 c, p.32)

O autor nos chama atenção para o fato ^{de} o professor sempre estar se questionando o por quê e sobre o quê está ensinando – refletindo sobre sua prática – pois se o que é ensinado não possuir uso prático, não fizer com que o aluno intervenha no mundo, não o ^{fizer} faça uma pessoa mais sensível à beleza, não estimula ^r sua sensibilidade nem aumenta ^r sua alegria ou seu espanto diante das coisas, o que está sendo ensinado é pura bobagem e perda de tempo:

"Assim, todo professor, ao ensinar, teria que perguntar: 'Isso que vou ensinar é ferramenta? É brinquedo?' Se não for, é melhor deixar de lado." (ALVES, 2002 c, p.32)

Rubem Alves (2001 a, p.112) destaca o quão importante é o professor ^{então, o professor deve ensinar as ferramentas e também os brinquedos.}

amar aos seus alunos e a sua profissão:

"Podem me acusar de ingênuo e romântico: afirmo que a renovação da educação terá que passar pela transformação afetiva dos professores."

O autor destaca que existem várias profissões que desapareceram ou estão por desaparecer, dentre elas está o ofício de ser educador – aquele que conduz à educação, pois, segundo ele, professores existem aos montes:

Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas o professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão, é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança. (ALVES, 2000, p.16)

Os educadores são aqueles que semeiam e mediam esperança em seus alunos, é um fundador de mundos; pastor de projetos; são aqueles que tomam a iniciativa e não deixam ser manipulados pelo Estado; eles sabem que o conhecimento não é para ser transmitido e sim construído através dessa relação professor-aluno:

"E a educação é algo para acontecer nesse espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal." (ALVES, 2000, p.19)

Já os professores ^{que} ~~querem~~ somente transmitir matérias; é um funcionário das instituições; especialista em reprodução, pois o *"que interessa é um crédito cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, sendo que, para fins institucionais, nenhuma diferença faz aquele que a ministra"* (ALVES, 2000, p.19, grifo nosso).

O autor destaca outra diferença entre ser educador e ser professor. O educador é uma pessoa, é vocação, enquanto que ser professor é apenas uma função:

O educador (...) habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e por seus horizontes utópicos. O professor, ao contrário, é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. (ALVES, 2000, p.21)

Rubem Alves (2001 c, p.37) define vocação como um chamado que surge de dentro da gente e que desperta algo de bom que estava adormecido lá dentro:

Vocação; que vem do latim, vocare, que quer dizer 'chamar'. É um chamado, que vem de dentro da gente, o sentimento de que existe alguma coisa bela, bonita e verdadeira à qual a gente deseja entregar a vida.

Após apontar inúmeras qualidades, o autor afirma que o educador é um ausente, pois não há um espaço para ele nessa sociedade movida pelo utilitarismo, determinismo e reprodução. Ser educador é um "conceito utópico, de existência prática proibida" (ALVES, 2000, p.23, grifo nosso). Mas em cada professor há a possibilidade de existir um educador adormecido, basta despertá-lo com um ato de amor e coragem:

"É necessário acordá-lo. E, para acordá-lo, uma experiência de amor é necessária."
(ALVES, 2000, p.27)

Rubem Alves se questiona e questiona a todos sobre qual é a importância da figura do educador. Ele nos lembra que não há ação mais nobre do que o ato de educar e que é através da educação que é possível se construir uma sociedade democrática. Portanto, é preciso que nos conscientizemos dessa importante tarefa que é formar sujeitos críticos capazes de atuar na sociedade e que tomemos muito cuidado com o fato de que "nossas práticas cotidianas estão envolvidas por uma série de justificações que aceitamos sem questionamentos" (ALVES, 2000, p.107, grifo nosso).

O autor propõe um modelo de escola ideal – uma escola que existe em Portugal, chamada Escola da Ponte. A Escola da Ponte é descrita como um modelo a ser seguido por todas as outras escolas. Nela todos encontram o apoio, o carinho, a ajuda, a cumplicidade, a solidariedade, a responsabilidade com o outro, o reconhecimento e respeito uns cons os outros:

(...) porque todos apóiam todos, todos acarinhos todos, todos ajudam todos, todos são, afetivamente, cúmplices de todos, todos são, solidariamente, responsáveis por todos. E, não menos significativo, todos sabem o nome de todos. Ou seja, todos procuram reconhecer e respeitar a identidade de todos... (ALVES, 2002 b, p.13)

A escola da Ponte é uma instituição que não possui separação entre classes e, muito menos entre professor e aluno. Os alunos que sabem mais ensinam aqueles que estão com dificuldades. Não existe uma matéria específica para ser ensinada, os alunos estudam o assunto de seus interesses por quinze dias e depois se auto-avaliam pois:

O modelo do professor fechado a sete chaves na sua sala (cela) de aula, "orgulhosamente só" no desempenho, mais ou menos ritualizado e raramente refletido, das tarefas curriculares que lhe cabem (ou ele julga caberem-lhe), é ainda hoje o "modelo" prevalecente entre os professores e nas escolas do primeiro ciclo. Os efeitos são devastadores. (ALVES, 2002 b, p.116)

O autor nos mostra, enfim, que a educação que vemos hoje pode ser diferente, basta que unamos nossa inteligência com a nossa sensibilidade:

"... a educação pode ser diferente, se formos inteligentes e sensíveis." (ALVES, 2002 c, p.10)

Ele continua a acreditar e a defender que a magia do ato de educar (que é sempre um ato de ternura e daí o imperativo de uma educação romântica) não pode ser dita na fria e precisa linguagem das ciências da educação. Ou seja, ele continua a acreditar e a defender que a burrice atual das escolas e dos professores não é um erro da natureza, uma deformidade genética, mas o resultado de uma profunda disfunção do pensamento educacional que, por isso mesmo, está ao nosso alcance corrigir. (ALVES, 2002 c, p.27)

CAPÍTULO 2

O EDUCADOR SEGUNDO PAULO FREIRE:

Paulo Freire foi um pensador comprometido com a vida, pois pensou a existência. Foi um grande e apaixonante educador de vocação humanista que colocava a teoria na sua ^{prática} ~~práxis~~. Para ele a educação deveria ser a prática da liberdade, visando a libertação não só do oprimido, mas também do opressor através de uma pedagogia do oprimido e não para ele.

Paulo Freire é um educador que pertence a tendência progressista e, enquanto educador progressista, é necessário estimular ao aluno a desenvolver a curiosidade crítica, ou seja, a curiosidade insatisfeita, indócil ao invés da curiosidade ingênua que está associada ao saber do senso comum. Pois, quando “castramos” a curiosidade de nossos alunos não estamos formando, estamos domesticando e estimulando a memorização.

O educador deve ser comprometido a exercer uma educação crítica e criticizadora, que faça a transitividade entre a consciência ingênua e a consciência crítica; uma educação para a decisão e para a responsabilidade social e política. Essa educação seria:

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispusesse a constantes revisões. A análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão – Que o identificasse com métodos e processos científicos. (FREIRE, 1983 a, p.89-90)

A consciência crítica é integrada com a realidade; a consciência ingênua se superpõe a realidade e a consciência mágica gera ingenuidade, acomodação, ajustamento e adaptação à realidade.

o que é?

Enquanto educadores progressistas, é necessário desenvolver em nós e no aluno a “justa raiva”³. Esta raiva possui um papel formador assim como todos os gestos do professor:

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. (FREIRE, 2001, p.47)

A educação deve ser problematizadora, uma educação que realize a superação da contradição educador-educando; que possua um caráter reflexivo, sendo um constante ato de desvelamento da realidade e que resulte na inserção crítica do educando na realidade. Esta concepção problematizadora reforça a mudança, é profética, esperançosa, revolucionária. O autor destaca como deve ser a postura deste educador problematizador:

(...) o educador problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscibilidade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também. (FREIRE, 1983 b, p.80)

Para ele, educar alguém é muito mais do que fazer com que esse alguém memorize saberes:

“... formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas.” (FREIRE, 2001, p.15)

O autor coloca que ensinar não é meramente transferir conhecimento, não é simplesmente transferir conteúdo para alguém, pois ao ensinar o educador também aprende com seus alunos, é uma relação de troca:

³ Raiva que protesta contra as injustiças, a deslealdade, o desamor, a exploração e a violência.

"... ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção." (FREIRE, 2001, p.25)

Quando consideramos os nossos alunos recipientes a serem cheios pelo nosso saber, estamos nos comportando como o processo que Paulo Freire chama de educação bancária⁴. Assim, o educador está absolutizando a ignorância, fazendo prevalecer "a cultura do silêncio" (FREIRE, 1983 b, p.67, grifo nosso) e conduzindo os oprimidos à adaptação e ao ajustamento:

Se o processo educacional é encarado como transmissão de conhecimentos determinados, o aluno é reduzido a receptáculo ou objeto de investimento, enquanto a realidade de que trata o conhecimento é desnaturada em "poupança morta". Freire denomina isto a "concepção bancária" da educação. Um método educacional assim estruturado serve consciente ou inconscientemente à reprodução da opressão, pois ensina o aluno a assimilar o oferecido sem questioná-lo. (SCHMIED-KOWARZIK, 1988, p.77)

O professor deve deixar de ser um professor transmissor para transformar-se em professor libertador pois a educação libertadora vê a natureza da educação como ato político que visa a transformação social.

Paulo Freire chama atenção para o fato de que o educador marca a vida do educando tanto positivamente quanto negativamente, mas, com a educação que temos instalado atualmente, o educador tem marcado a vida do educando negativamente. *Ele* ^{quem?} acha que o educando é alguém vazio que precisa ser preenchido com a sua narração e sabedoria. Assim, a palavra se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante" (FREIRE, 1983 b, p.65, grifo nosso).

⁴A educação bancária representa a educação na qual o educando apenas memoriza, repete o que o educador fala, deposita, guarda e arquiva nele.

Paulo Freire pensava a alfabetização como um ato de criação e não um elemento de repetição ou memorização sem sentido. Era preciso desenvolver no homem a impaciência e a vivacidade para que estes procurassem, inventassem e reivindicassem, pois o homem não deve “*apenas estar no mundo, mas com ele*” (FREIRE, 1983 a, p.104, grifo nosso).

Além disso, Paulo Freire (2001, p.55) acredita¹⁰ que todos os seres são inacabados. Por isso o professor deve buscar uma formação contínua, tendo a consciência de que ele também se forma e se reforma na medida em que aprende com os seus alunos – o que mais uma vez enfatiza essa relação de troca:

“Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente.”

Ele fala da importância de se reconhecer a inconclusão do ser:

Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um que-fazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade (FREIRE, 1983 b, p.83)

A consciência da inconclusão do ser¹¹ faz com que vejamos a educação como um processo permanente e, este fato gera esperança:

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança. (FREIRE, 2001, p.64)

Para o autor, a esperança é uma das virtudes que deve ser aliada ao ato educativo. É a esperança de que aluno e professor podem aprender juntos.

Para ele a esperança é:

*a esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário...
a esperanças é um condimento indispensável à experiência histórica.
Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo.
(FREIRE, 2001, p.80-1)*

Paulo Freire (2001, p.69) destaca também que devemos ser humildes, tolerantes, respeitar a autonomia e as qualidades dos educandos, seus saberes, seu jeito de ser, o que trazem consigo, suas experiências de vida, para falarmos de conteúdos que tenham a ver com o cotidiano deles, coisas que façam sentido – esta é uma postura ética que gera virtudes e qualidades nos educadores:

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante.

Paulo Freire lutou por uma educação que desalienasse o homem que se tornara objeto, expectador e figurante de sua própria história. Ele queria que o homem se tornasse sujeito, ator e autor de sua história, pois o homem não apenas está no mundo mas com o mundo – isso é o resultado de sua abertura para a sua própria realidade, da sua integração com o mundo, ou seja, ele se ajusta a realidade para transformá-la. O homem deve ser sujeito e, enquanto tal, ser ativo. Deve criar, recriar, decidir, dominar e humanizar a realidade. Portanto, o homem deve conhecer o mundo para poder interferir nele, dialogar

com ele sobre ele – isso o torna um ser histórico. Devemos tornar o homem sujeito e retirá-lo da condição permanente de objeto, de domesticado.

O autor afirma que somos seres históricos, portanto, devemos conhecer o mundo e intervir nele mesmo que tudo esteja ruim. O nosso papel no mundo não é apenas viver o que ocorre e aceitar tudo o que nos é colocado, é preciso ser um *"sujeito de ocorrências"* (FREIRE, 2001, p.85, grifo nosso). Aprendemos para intervir na realidade:

"A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a ..." (FREIRE, 2001, p.77)

"... meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências." (FREIRE, 2001, p.85)

"...a educação é uma forma de intervenção no mundo." (FREIRE, 2001, p.110)

Paulo Freire queria formar ^{indivíduos} sujeitos que fossem capazes de liberar-se, descobrir-se e conquistar-se como sujeitos de sua própria história através da criação e recriação da realidade. Queria formar a consciência humana para que o homem constituísse e conquistasse sua própria forma e recriasse, pensasse, julgasse e humanizasse o mundo. Para ele, alfabetizar é nada mais do que conscientizar.

A grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos é a libertação deles mesmos e de seus opressores, pois *"os homens se libertam em comunhão"* (FREIRE, 1983 b, p.155, grifo nosso) e os oprimidos possuem a tendência de tornarem-se, também eles, opressores ou sub-opressores; é o que se chama

quais são os opressores? De qq. época? Ou Paulo Freire reflete
dentro sobre a educ. dentro de um determinado contexto
sócio-político-econômico, que produz um determinado
tipo de opressão? Falta situar a perspectiva marxista no pente
de "aderência ao opressor", "é a identificação com o seu contrário"¹⁵ muito
paz de P.
Freire.

(FREIRE, 1983 b, p.33, grifo nosso).

Os opressores consideram os oprimidos como coisas que precisam ser observadas e vigiadas, transformam tudo que os cerca em objetos de seu domínio, em algo para seu poder de compra. São estritamente materialistas: visam o lucro e possuem o dinheiro como medida das coisas. Também possuem uma falsa generosidade, uma vez que, constituem uma classe dominadora e enxergam como único o direito deles viverem em paz.

Os oprimidos sofrem de autodesvalia: consideram-se incapazes, enfermos, indolentes, de tanto ouvirem isso de si mesmos, chegando a se considerarem iguais a um animal ou até mesmo inferior a ele. O educador, através do diálogo crítico e libertador que da reflexão gera a prática, deve fazer com que o oprimido descubra o opressor e se engaje na luta pela sua libertação.

O autor fala da educação libertadora:

A educação libertadora deve ser compreendida como um momento, ou um processo, ou uma prática onde estimulamos as pessoas a se mobilizar ou a se organizar para adquirir poder. (FREIRE & SHOR, 1993, p.46)

Assim, começarão a acreditar em si mesmos e se reconhecerão como homens, pessoas que possuem uma vocação ontológica e histórica de Ser mais: buscar a humanização dos homens.

A pedagogia do oprimido busca a restauração da intersubjetividade e apresenta dois momentos:

1- os oprimidos desvelam o mundo e se comprometem em transformá-lo;

⁵ É quando os oprimidos tornam-se opressores de outros oprimidos.

2- depois da realidade ter sido transformada a pedagogia passa a ser dos homens em permanente processo de libertação.

A educação deve fazer com que o homem ouça, pergunte e investigue sobre sua própria realidade – por isso um dos objetivos principais de seu método é que a teoria dê conta de assuntos do cotidiano do educando. Deve ser uma educação corajosa que leve o homem a adotar uma postura; por isso Paulo Freire faz a distinção entre a educação sistemática e os trabalhos educativos. Ele diz que:

“... a educação sistemática e formal, apesar de sua importância, não pode ser, realmente, a alavanca da transformação da sociedade.” (FREIRE & SHOR, 1993, p.46)

A educação sistemática só pode ser mudada com o poder enquanto que os trabalhos educativos devem ser realizados com os oprimidos. E, para isso é preciso ter esperança – a esperança que faz resistir aos obstáculos do processo educativo:

“E tudo isso nos traz de novo à radicalidade da esperança. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las.” (FREIRE, 2001, p.58)

“Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo.” (FREIRE, 2001, p.115)

Paulo Freire (2001, p.77) define o ato de aprender como:

aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

E, esta aventura criadora não pode se dar longe do espaço da procura, da beleza e da alegria. É pela alegria, por querer bem aos educandos e pela

satisfação de ensinar que os professores apesar do salário, da falta de recursos, das más condições de trabalho, continuam exercendo suas atividades com comprometimento e, sobretudo, com amor.

O autor declara que o professor, enquanto professor, deve ser pesquisador: indagar, buscar e pesquisar freqüentemente. Sendo assim, Paulo Freire também destaca que o educador progressista deve assumir uma postura dialógica, ou seja, uma postura aberta ao diálogo, a troca, onde professor e aluno aprendem juntos. Não é necessário que só uma pessoa detenha o direito de falar – todos possuem esse direito; assim, professor e aluno serão epistemologicamente curiosos. Para isso é preciso saber escutar pois “é *escutando que aprendemos a falar com eles*” (FREIRE, 2001, p.127, grifo nosso) e aprendemos também a respeitar suas diferenças pois para ele, o educador deve conviver com os diferentes, deve ter amorosidade aos educandos, deve ser comprometido com o que faz:

“O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele.” (FREIRE, 2001, p. 128)

É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar⁶ o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado. (FREIRE, 2001, p. 131-2)

(...) o espaço do educador democrático, que aprende a falar escutando, é cortado pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, silencioso, e não silenciado, fala. (FREIRE, 2001, p. 132)

O autor afirma que o bom professor é aquele que também estuda; além disso, ele deve ser humilde e generoso. É preciso ser humilde para poder assumir para seus alunos que não sabe:

"Não posso ensinar o que não sei". (FREIRE, 2001, p. 107)

"Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo." (FREIRE, 2001, p. 153)

Paulo Freire coloca como um saber indispensável ao educador a não separação de teoria e prática; do ensinar e aprender; do respeito ao professor e do respeito aos alunos; da ignorância e do saber e da autoridade e liberdade – atitudes que geram coerência. O autor nos coloca também outras qualidades – as quais julga indispensável a um educador progressista:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 2001, p. 136)

Para ele a prática educativa pode ser definida como:

"... tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje." (FREIRE, 2001, p. 161)

O autor afirma que a educação não é um processo neutro, pois não há discurso neutro! A presença do professor em sala de aula já traz em si uma postura, sua fala, seus gestos são carregados de significados pois o professor é um sujeito de ações e não pode ter uma postura de omissão:

"Na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido." (FREIRE, 2001, p. 157)

"Toda educação tem, em si, uma intenção política..." (BRANDÃO, 1984,p.86)

O autor também fala dos sonhos:

"Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar." (FREIRE,2001,p.163)

Para reunir todos esses saberes na prática, Paulo Freire criou um novo método – o qual representava um novo sentimento de mundo, uma nova esperança e uma nova crença na Educação.

A idéia que melhor define o método de alfabetização de Paulo Freire é uma história coletiva que se cria e que se faz; que educa enquanto se constrói, enfim, é um método como um processo e instrumento de educar para a libertação, para a transformação do mundo.

Ele afirma que existem pessoas que têm medo da liberdade, que consideram a conscientização um perigo, acham que a consciência crítica gera a anarquia e a desordem. Mas é a conscientização *que possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito (...) inscreve na busca de sua afirmação* (FREIRE, 1983 b,p.20, grifo nosso). Ele luta não só pela liberdade – a qual precisa ser buscada permanentemente, mas também pela justiça, pelos oprimidos e para tentar recuperar a humanidade que foi roubada do homem.

Seu método pretende ser um método de aprendizagem uma vez que para ele a alfabetização não é a mera repetição de palavras e sim o diálogo que traz a palavra enquanto criadora de cultura, significativa do mundo. A palavra enquanto práxis, ação, viva e dinâmica, palavra enquanto comunicação, decisão.

O método Paulo Freire é construído através do diálogo (o elemento fundamental de todas as relações) entre educador e educando – os quais aprendem juntos pois ninguém se educa sozinho. Ou seja, é um método dinâmico que conscientiza e politiza enquanto educa. Assim a educação é vista como um ato coletivo, um ato de amor – a idéia chave da teoria de Paulo Freire (BRANDÃO, 1984, p.22), um ato de troca, um ato de coragem:

"De lado a lado se ensina. De lado a lado se aprende"

Os educadores devem estar próximos da realidade de seus alunos a tal ponto que diminua as diferenças que possam existir entre eles. Isso se dá através do diálogo crítico – o qual gera comunicação, conduz a verdadeira educação; é relacional e não um produto histórico pois significa a própria historicização:

A idéia de uma ação dialógica entre educadores-e-educandos deve começar com uma prática de ação comum entre as pessoas do programa de alfabetização e as da comunidade. (BRANDÃO, 1984, p.24)

"O diálogo é o sentimento do amor tornado ação." (BRANDÃO, 1984, p.103)

E o que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1983 a, p.107)

Estamos acostumados ao antidiálogo – o qual gera uma relação vertical de A sobre B. O antidiálogo é desamoroso, acrítico, desesperançoso, arrogante, auto-suficiente, não comunica e não é humilde. Este antidiálogo é o monólogo:

“O monólogo, enquanto isolamento, e a negação do homem, e o fechamento da consciência, uma vez que consciência e abertura.” (FREIRE, 1983 b, p. 10)

Paulo Freire diz que o diálogo não se realiza se não há humildade, pois a pronúncia do mundo não pode se dar num ato arrogante e auto-suficiente. Outro empecilho ao diálogo é a falta de fé nos homens e na sua vocação de Ser mais.

Devemos trocar idéias, debater e discutir temas, trabalhar com o educando ao invés de ditar idéias, discursar aulas ou trabalhar sobre o educando. Também devemos usar a investigação, pesquisa e observação do “universo de fala da cultura da gente do lugar” (BRANDÃO, 1984, p. 25, grifo nosso) que nos mostra como eles traduzem a vida e desvelam o mundo. Nessas falas encontramos os temas geradores e, conseqüentemente, as palavras geradoras de onde surgiram esses temas. Para os educandos estas palavras são de tamanha importância:

“... as palavras têm vida porque dizem respeito ao seu trabalho, à sua dor, à sua fome.” (FREIRE, 1983 a, p. 7)

As palavras geradoras precisam servir não só como instrumento de leitura da língua, mas também como “instrumento de releitura coletiva da realidade social onde a língua existe” (BRANDÃO, 1984, p. 30, grifo nosso). As palavras geradoras são assim chamadas porque através da combinação de seus elementos básicos, vão surgindo novas palavras.

Existem três critérios de escolha das palavras geradoras – as quais podem ser de dezesseis a vinte três palavras:

- 1- a riqueza fonêmica da palavra geradora;

2- as dificuldades fonéticas da língua;

3- a densidade pragmática do sentido.

A palavra geradora surge nas frases das falas das pessoas e ela aponta para algumas questões: os temas geradores (temas da comunidade, temas concretos da vida) – os quais foram pensados para a fase de pós-alfabetização. Cada palavra geradora possui o seu desenho: o cartaz de cultura:

Tudo o que é da vida e da cultura da comunidade, da região, é trazido para dentro do círculo(...) Tudo é material sobre o qual o grupo pensa e cria. Tudo se incorpora ao trabalho de aprender a ler-e-escrever. (BRANDÃO, 1984, p.77)

Após recolher o material que dará origem às palavras e aos temas geradores são feitas reuniões de análise deste material onde estão presentes os auxiliares de investigação, representantes do povo, alguns participantes dos círculos de investigação, um psicólogo e um sociólogo.

Paulo Freire chama a sala de aula de círculo de cultura; a aula discursiva deve ser trocada pelo diálogo; o aluno deve ser visto como participante do grupo e o professor como um animador de debates sendo o responsável por favorecer, orientar, problematizar a realidade, refletir com o grupo e não simplesmente guiá-lo. Os alunos são incentivados o tempo todo a fazerem seus próprios escritos: bilhetes, redações, notícias para o jornal do grupo.

Os círculos de cultura são formados a partir da junção de dezenas de homens do povo e de um jovem coordenador. Este último coordena – e não impõe – através do diálogo, a conquista da linguagem.

O método Paulo Freire é ativo, dialogal, participante, crítico, criticizador, não é rígido, não possui receitas nem lei. É um trabalho que deve ser usado para

ajustar, inovar, criar e construir. É um método que visa a reconstrução nacional de modo coletivo.

Um dos princípios fundamentais desse método é o respeito à liberdade dos educandos ou alfabetizandos. O educador, ao fazer/desenvolver o programa de ensino deixa com que o povo tenha o máximo de interferência possível na estrutura, assim, não só o programa, os temas geradores, mas também as palavras geradoras estarão *“carregadas de experiência vivida”* (FREIRE, 1983 a, p.5, grifo nosso).

Outro princípio essencial do método Paulo Freire é o fato de que a alfabetização nunca deve se separar da conscientização pois *“todo aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando”* (FREIRE, 1983a, p.6).

Paulo Freire acredita que a educação deve ser vista como afirmação da liberdade, na medida em que reconhecemos o fato da opressão, devemos lutar pela libertação.

A educação que Paulo Freire deseja:

A educação que Paulo Freire vislumbra não é apenas politicamente utilitária. Ela não objetiva somente criar novos quadros para um novo tipo de sociedade. Há uma proposta politicamente mais humana, a de criar, com o poder do saber do homem libertado, um homem novo, livre também de dentro para fora. (BRANDÃO, 1984, p.87)

Mas para que isso ocorra à educação precisa ser compreendida dialeticamente pois a dialética gera o aperfeiçoamento da *práxis* e a formação humana do educando:

Somente na medida em que a ciência da educação se compreende dialeticamente a partir do interesse libertário do conhecimento de uma teoria crítica da sociedade, voltado à emancipação e libertação dos homens, torna-se possível a ela criticar, por sua vez, a realidade educacional descoberta empiricamente mediante a determinação do sentido da educação e a determinação do sentido explicada hermeneuticamente mediante sua realização na experiência, antecipando, deste modo emancipatório, uma práxis educacional transformada. (SCHMIED-KOWARZIK, 1988, p. 14)

Vemos que Paulo Freire considera a educação como uma experiência dialética que leva a libertação do homem através do diálogo crítico entre educador e educando.

As idéias de Paulo Freire referentes à educação não são meras idéias, são fundamentadas e marcadas por sua experiência; isso faz com que a teoria aliada à prática estivesse em constante desenvolvimento e fizesse dele um homem de ação. Ele era um educador comprometido com o movimento de educação popular – o qual geraria a alfabetização do povo brasileiro e também uma ampliação democrática da participação popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Após analisar os textos de Rubem Alves e Paulo Freire vemos que estes se assemelham nas questões relativas à educação e à formação do educador.

Rubem Alves acredita que a escola deforma as crianças – as quais possuem o desejo de aprender – pois os programas de ensino adotados nas escolas não se preocupam com as particularidades de cada aluno tratando-os como se fossem iguais e não aproximam o conteúdo escolar da realidade vivida pelos alunos; afinal, só aprendemos aquilo que é significativo para nós. Ele chama este tipo de educação desumanizadora de “pinoquização”. Paulo Freire assegura que o ensino libertador não é padronizado e por isso tende a ser criativo; tende a transformação. Ao tipo de educação que quer depositar conteúdos nos alunos ele chama de educação bancária. Paulo Freire (1993, p.22) diz que o professor libertador não possui muito crédito com os estudantes pois estes estão acostumados a serem meros expectadores, a serem depósitos de conteúdos:

“Os estudantes não acreditam num professor libertador que não lhes empurre conhecimento goela abaixo.”

Rubem Alves quer que tornemos o processo ensino-aprendizagem o mais interessante, para isso é preciso que prestemos atenção a curiosidade das crianças. Segundo ele, é necessário que o professor seja um “mestre do prazer”, ou seja, “aquele que se dedica a ensinar aos seus jovens alunos o gosto bom das coisas!” (ALVES, 1999, p.139, grifo nosso). É preciso seduzir ao aluno para que ele tenha vontade de aprender; para que ele tenha fome do que o professor pretende ensinar. Paulo Freire, analisando a postura do educador

Você não os comparou. Você apresentou as referências sobre a educação de P. Alves e de P. Freire, mas não as comparou. Tal comparação não está prevista em seus objetivos.

progressista, expõe que o educador deve apresentar os conteúdos aos educandos com admiração para que eles fiquem estimulados, admirem e se encantem pelo conteúdo. O autor também chama atenção para o interesse dos alunos e suas palavras:

"... o professor tem que ter pleno respeito pelo que os alunos dizem."
(FREIRE, 1993, p. 216)

Rubem Alves considera que a educação deve estar aliada ao amor aos alunos e a paixão pelo processo educativo. Para ele, a grande questão da educação está na cabeça dos professores pois a Educação só se faz com o professor apaixonado. Paulo Freire (1993, p. 204) diz que devemos aliar conhecimento, racionalidade e paixão:

"E isto é o que eu sou - um educador apaixonado -, porque não entendo como viver sem paixão."

Rubem Alves descreve dois tipos de olhos na educação. O primeiro olho vê as coisas do finito; são as escolas que ensinam a ciência. Já o segundo olho mostra as coisas eternas; ensina a poesia e o encantamento com a vida. O autor considera o ensinar aos alunos a enxergar o mundo uma das grandes tarefas do educador. Paulo Freire diz que é preciso que enquanto professores saibamos não somente ler as palavras, mas também ler o mundo e ensinar aos nossos alunos a lerem o mundo! Temos que ter a consciência de que não podemos manipular nossos alunos, mas também não devemos deixá-los abandonados à própria sorte!

Rubem Alves destaca que o educador deve ter alegria/humor e que estes devem superar qualquer tipo de desânimo relativo as condições atuais da educação. Paulo Freire (1993, p.193) fala sobre o humor:

(...) o sentido de humor faz com que você ria de você mesmo. Isto, para mim, é muito necessário para um educador na perspectiva dialógica. Entretanto, você não pode dar cursos para tornar os professores bons humoristas.

Rubem Alves afirma que o professor deve compartilhar seus saberes com seus alunos e para isso é necessário diálogo. Paulo Freire (1983 b, 1993) avalia o diálogo como:

"... o caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens."

"... algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos (...) O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem."

Rubem Alves acredita que através da palavra o professor tem grande poder e pode despertar sonhos. Paulo Freire apresenta a palavra do educador como aquela que pode potencializar ação e reflexão para a transformação, denúncia e pronúncia do mundo.

Rubem Alves considera que o educador deve semear esperança. Para Paulo Freire a esperança não deixa que nos acomodemos e fiquemos de braços cruzados esperando que as coisas aconteçam. Devemos ter esperança para esperar enquanto lutamos com paixão.

Rubem Alves, ao descrever o modelo de escola ideal – a Escola da Ponte - destaca que devemos ter a responsabilidade com outro; o reconhecimento e o respeito uns com os outros. Nesta escola todos encontram

carinho, apoio, ajuda, cumplicidade e solidariedade. Paulo Freire assevera que através da colaboração, os sujeitos são capazes de re-elaborar e reconstruir o mundo.

Vemos que para ser um educador não é preciso apenas vocação, mas uma série de características indispensáveis – as quais são geradas junto à prática, opção política e a natureza do educador.

É preciso reconhecer que enquanto educadores, somos políticos, pois *“existe uma diretividade na educação que nunca lhe permite ser neutra”*. (FREIRE & SHOR, 1993, p.187, grifo nosso)

É preciso humildade – a qual exige coragem, confiança em nós mesmos, respeito a nós e aos outros. A humildade nos leva a reconhecer que não sabemos tudo e a estar sempre aberto a aprender e a ensinar, a humildade está aliada ao bom senso e nasce na segurança insegura, na certeza incerta.

É preciso ter a coragem de lutar aliada à coragem de amar. A coragem nasce da educação do medo.

É preciso ter tolerância – o que gera um trabalho pedagógico sério e uma experiência democrática autêntica. A tolerância nos ensina a conviver, aprender e respeitar ao diferente. Tolerância é virtude e exige respeito, disciplina e ética.

É preciso ter decisão que rompe para optar; segurança unida à competência científica, clareza política e integridade ética; tensão entre paciência e impaciência.

É preciso ter alegria de viver.

É preciso tornar sonhos possíveis.

É preciso possuir uma autoridade que seja exercida de maneira lúcida, segura e determinada.

É preciso viver por uma procura permanente de justiça, pois, “o professor libertador nunca pode se calar a respeito das questões sociais” (FREIRE & SHOR, 1993, p.207, grifo nosso).

É preciso compromisso.

Por fim, é preciso amorosidade aos alunos e ao processo educativo. É preciso ter o “*amor armado*”.⁷ Com este amor lutaremos por um mundo melhor, denunciaremos todo e qualquer tipo de injustiça e anunciaremos uma educação libertadora e dialógica.

Gostaria de terminar esta dissertação com o poema de Thiago de Mello:

Canção para os fonemas da alegria.

*Peço licença para algumas coisas.
Primeiramente para desfraldar
Este canto de amor publicamente.*

*Sucedede que só sei dizer amor
Quando reparto o ramo azul de estrelas
Que em meu peito floresce de menino.*

*Peço licença para soletrar,
No alfabeto do sol pernambucano,
A palavra ti-jo-lo, por exemplo.*

*E poder ver que dentro dela vive a
Paredes, aconchegos e janelas,
E descobrir que todos os fonemas*

*São mágicos sinais que vão se abrindo
Constelação de girassóis gerando
Em círculos de amor que de repente
Estalam como flor no chão da casa.*

*Às vezes nem há casa: é só chão.
Mas sobre o chão quem reina agora é um homem
Diferente, que acaba de nascer:*

*Porque unindo pedaços de palavras
Aos poucos vai unindo argila e orvalho,
Tristeza e pão, cambão e beija-flor,*

*E acaba por unir a própria vida
No seu peito partida e repartida
Quando afinal descobre num clarão*

*Que o mundo é seu também, que o seu trabalho
Não é a pena que paga por ser homem,
Mas um modo de amar - e de ajudar*

*O mundo a ser melhor. Peço licença
Para avisar que, ao gosto de Jesus,
Este homem renascido é um homem novo:*

*Ele atravessa os campos espalhando
A boa-nova, e chama os companheiros
A pelejas no limpo, frente a frente,*

*Contra o bicho de quatrocentos anos,
Mas cujo fel espesso não resiste
A quarenta horas de total ternura.*

*Peço licença para terminar
Soletando a canção de rebeldia
Que existe nos fonemas da alegria:*

*Canção de amor geral que eu vi crescer
Nos olhos do homem que aprendeu a ler.*

⁷ A expressão amor armado é usada por Paulo Freire em seu livro *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*, para designar um amor brigão de quem se afirma no direito ou no dever de ter o direito de lutar, de denunciar, de anunciar.



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Maria de Fátima Ferreira de Brito

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : A construção da
imagem do educador num paralelo entre Rubem
Alves e Paulo Freire

ORIENTADOR : Profa. Dra. Angéla Maria Souza Martins

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador : Professor convidado

Professor: Valéria Wilke

Nota : OITO (8,0)

Considerações Finais:

A monografia está bem redigida. A aluna demonstra que
leu os textos e que se aprofundou no pensamento pedagógico dos
autores envolvidos.

Contudo, faltou à monografia:

a) apresentar a noção de imagem que estava sendo trabalhada;

b) apresentar a metodologia de análise das 'imagens' presentes do profes-
sor presentes nas pedagogias de R. Alves e de P. Freire;

c) como no capítulo referente a R. Alves a aluna manteve-se presa ao
estilo metafórico de e 'encantatório' de Alves do autor, ela
acabou por não trabalhar a significação da 'imagem' do professor
contida nas diferentes metáforas.

Segundo avaliador :

Professor orientador

Professor : Ângela Maria Souza Martins

Nota: 10,0 (DEZ)

Considerações Finais:

Preciso registrar que, poucas vezes orientei uma graduanda com tamanha capacidade de organização e sistematização de texto. Maria de Fátima apresentou autonomia e notas e reflexões dos textos lidos. Além disso, demonstrou em uma palestra com traços excepcionais em sua, tem a capacidade de seguir em programas, prazos e de entrega com bastante rigor. O aluno demonstrou o que se propôs. Por isso, confiro-lhe a nota 10,0 (dez).

Até

Terceiro avaliador : Professor da disciplina Monografia II

Professor: Ligia Martha C. da Costa Coelho

Nota : 10,0

Considerações Finais:

Em relação ao aspecto formal, a monografia está muito boa. O conteúdo poderia estar mais centrado no tópico, sendo este o único ponto destrutivo do todo.

LM Coelho

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
8,0	10,0	10,0	28,0	9,3
DTO	DEZ	DEZ		

Rio de Janeiro, 08/2004 *LM Coelho*